

Perspectivas da juventude rural sobre aprendizagem e o conhecimento geracional na agricultura familiar, planalto norte de Santa Catarina, Brasil

Perspectives of rural youth on learning and generational knowledge in family farming, northern plateau of Santa Catarina, Brazil

Aline Daniela Sauer
Marcelo Gules Borges
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis-SC - Brasil

Resumo

A família é considerada um lugar privilegiado de transmissão e reprodução da cultura, dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo identificar e analisar as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar. O desenho metodológico do estudo é de enfoque qualitativo. Participaram da pesquisa 8 jovens que residem no meio rural do município de Mafra, SC/Brasil, com idade entre 16 a 29 anos. Como instrumento para coleta de dados realizou-se entrevistas semi-estruturadas. Para a análise dos utilizou-se a análise de Conteúdo de Bardin. O estudo revela que os jovens rurais valorizam os conhecimentos geracionais devido a experiências significativas vividas com as pessoas mais velhas. A valorização dos conhecimentos emerge na prática, criando sentimentos de pertencimento e responsabilidade com a agricultura familiar.

Palavras-chave: Juventude Rural; Conhecimento Geracional; Agricultura Familiar.

Abstract

The family is a privileged place for the transmission and reproduction of culture and knowledge. Thus, this research aimed to identify and analyze the perspectives of rural youth about generational knowledge in family farming. The methodological design of the study is based on qualitative approach. Eight young people who live in the rural area of Mafra city, SC/Brasil, aged between 16 and 29 years old, participated in the research. Semi-structured interviews were carried out to collect data. For the interpretation, we used Bardin Content analysis. The study reveals that young farmers value the generational knowledge due to the deep experiences lived with elders. The action of value the knowledge emerges in practice, creating feelings of belonging and responsibility with family farming.

Keywords: rural youth; generational knowledge; family farming.

1. Introdução

Os jovens que moram na área rural enfrentam diversas dificuldades sociohistóricas e culturais e vislumbram, em muitos casos, a área urbana como um lugar melhor para seus projetos de vida. Para Castro (2009), Bonomo e Souza (2013) ser jovem residente no meio rural significa enfrentar um ambiente desigual do ponto de vista social, econômico e político, subjugado pela hierarquia entre rural e urbano e ser estereotipado como roceiro, bobo, atrasado e sem educação.

Diante disso, a juventude rural vive a dicotomia entre espelhar-se na cultura urbana que se torna referência para a construção de seu projeto de vida, e normalmente orientado pelo desejo de inserção no mundo moderno, mas se prendem a sua cultura de origem (CARNEIRO, 1998). Dessa forma, torna-se importante compreender quais as perspectivas que eles têm sobre a ruralidade, pois a partir dos diferentes olhares lançados sobre o mundo que os rodeia é possível perceber as possíveis noções de pertencimento em relação ao território e suas escolhas, as quais influenciam a maneira com que eles irão desempenhar seu papel social (GUERIN, 2017).

O estado de Santa Catarina é considerado uma referência nacional e internacional quando se fala em agricultura familiar (PAULILO, 2004), apresentando movimentos sociais fortes que incorporam diversas lutas, incluindo aquelas relativas às questões de geração (PAULILO; SCHMIDT, 2003). Nesse cenário, a questão geracional é algo importante dentro da agricultura familiar: não somente a herança referente ao patrimônio, mas também a herança cultural e a reprodução de conhecimentos para continuidade da atividade agrícola.

Esses jovens provenientes do meio rural, em muitos casos, frequentam as escolas urbanas devido ao fechamento das escolas rurais e da centralização das escolas no perímetro urbano. Dessa forma, para eles ocorre um conflito sobre suas percepções dos conhecimentos locais e situados, apreendidos a partir da família em contraste com os conhecimentos que lhe são apresentados na sala de aula.

Segundo Bourdieu (1998) a cultura dominante é apresentada como “a cultura”, universal, neutra e válida e acessível a todos através da educação escolar, sendo assim basta que a escola ignore as diferenças entre seus diversos públicos, tratando-os de

modo igual os desiguais, mas isso acaba favorecendo os favorecidos e desfavorecendo os desfavorecidos. Logo, a escola - cultura escolar - acaba por desvalorizar os saberes dos mais velhos e os seus modos de transmissão, que acarreta na modificação da relação dos filhos com o trabalho da agricultura (CHAMPAGNE, 1986). Para Renk e Dorigon (2014) é quando os jovens podem então recusar os valores nos quais foram socializados. É diante dessas questões expostas que nos perguntamos: Quais as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar? Para isso, o presente artigo tem como objetivo identificar e analisar as perspectivas da juventude rural em relação ao conhecimento geracional na agricultura familiar no contexto rural do Planalto Norte de Santa Catarina, Brasil.

2. Método

A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva que tem como objetivo a descrição e a compreensão de determinada população ou fenômeno (GIL, 2009).

Participaram da pesquisa oito (8) jovens que vivem, trabalham ou trabalharam na agricultura familiar nas comunidades rurais Vila Grein e Espigão do Bugre do município de Mafra, o qual está localizado no Planalto Norte do estado de Santa Catarina. A agropecuária é umas das principais atividades econômicas do município sendo que o número de estabelecimentos agropecuários é de 1.938, ocupando uma área de 86.975 hectares (IBGE, 2017).

A técnica para produção dos dados consistiu em entrevistas semi-estruturadas, as quais favorecem a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987). Houve também questões sociodemográficas e de caracterização para contextualizar os indivíduos em seu contexto social (SILVA; BOUSFIELD, 2016). A escolha da amostragem se deu utilizando-se a técnica de *Snowball* (BALDIN; MUNHOZ, 2011), sendo uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Nesse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante (VINUTO, 2014).

Para a análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), a qual consiste em uma técnica que busca compreender as características, estruturas ou

modelos que estão nos fragmentos de mensagens lidas em seu contexto. Os dados coletados foram divididos em categorias temáticas, buscando analisar o conteúdo da entrevista respondida pelos jovens rurais. As categorias se dividem em subcategorias e elementos de análise, que avaliam a singularidade da produção de conhecimento nesta pesquisa.

3. Agricultura Familiar, Conhecimento Geracional e Juventude Rural

Desde os primórdios da ocupação no território catarinense e de todo o Brasil, o meio rural desempenhou um forte papel no processo de desenvolvimento econômico e social, com importante destaque para a agricultura familiar (CAMPOS; BRANDT; CANCELIER, 2013).

De acordo Lei da Agricultura Familiar nº 11.326, de 24 de julho de 2006, um dos requisitos definidores da agricultura familiar é que essa tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento (Artigo 3º, II). Desta forma as unidades familiares rurais são baseadas na associação entre trabalho, família e produção e que usam a terra para efetivarem o próprio trabalho (Wanderley, 2017). Para Schneider e Cassol (2014) a agricultura familiar constitui-se de uma família que trabalha em atividades agrícolas em um pedaço de terra, normalmente pequeno, e nem sempre em sua propriedade legal.

Vale ressaltar que a agricultura familiar é um conjunto heterogêneo, e abrange diversas situações, que vão da agricultura de subsistência a agricultura empresarial. Portanto, para continuidade da agricultura familiar ao longo dos anos depende do interesse e das motivações dos mais jovens para reproduzir a atividades exercidas pelos pais e familiares (BRUMER, 2014).

A família é um lugar privilegiado de transmissão e reprodução da cultura e de conhecimentos, sendo uma experiência vital para a constituição do sujeito. Logo a transmissão geracional torna-se evidente por meio da repetição dos padrões familiares que garantem a sobrevivência e a perpetuação da família (ALMEIDA; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014). Os pais preocupam-se com a transmissão dos seus valores como forma de projetar sentido e justificação as suas vidas (BENINCÁ; GOMES, 1998).

A reprodução social dentro da agricultura familiar é dada pela continuidade das propriedades ao longo das gerações (GASSON & ERRINGTON, 1993). Sendo assim, a

educação familiar pode ser caracterizada como um processo social, histórico e cultural, que está presente no cotidiano de vivências e na transmissão geracional de saberes, valores, hábitos, normas e padrões de convivência (BENINCÁ; GOMES, 1998; STROPASOLAS, 2014). Não transmitindo apenas bens materiais aos seus filhos (ROSAS, 2007).

As novas informações e a sua integração no conjunto de conhecimentos já existentes ocorrem através de aprendizagens. Aprender não se limita apenas à aquisição de novas informações, mas tem também como objetivo corrigir, aprofundar, alargar e reorganizar a nossa base de conhecimentos existentes (PINTO, 2001).

A geração consiste num grupo de sujeitos nascidos em uma mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica que origina uma consciência comum, que permanece ao longo do curso de vida (MANNHEIM, 1993; MAGALHÃES, 2007). Na agricultura familiar, as crianças aprendem com a realidade do trabalho no campo desde muito novas, no qual associam trabalho e manifestações lúdicas. Elas são estimuladas a abarcar uma ética em que o trabalho possui um valor relevante como foco a subsistência, sendo um meio privilegiado de se ganhar a vida e honrar os seus compromissos (POLI, 1995).

A organização do processo de aprendizagem não se realiza separadamente das atividades produtivas e nem ocorre em lugares no ambiente do trabalho que seja destinado exclusivamente às crianças (STROPASOLAS, 2010). Desta forma aprender e ensinar fazem parte do mesmo contexto social de ação onde ocorrem as atividades da vida cotidiana da família (STROPASOLAS, 2014). Os saberes que fluem de uma geração para outra não ocorrem espontaneamente. Há uma infinidade de relações entre parentes, entre os mais velhos e os mais novos e companheiros de trabalhos, que possuem um cuidado para a efetivação da aprendizagem. De uma simples atividade que as crianças e os jovens aprendem por imitação, há regras, princípios e iniciativas dirigidas, sendo intencional e sistematicamente pedagógico (BRANDÃO, 1986).

O comportamento de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potencializadoras de mudança social. A mudança social é interpretada como “evolução intelectual” da sociedade (MANNHEIM, 1993; MAGALHÃES, 2007). Nas unidades familiares as relações são marcadas por tensões e

descontentamentos entre as gerações, muitas vezes decorrentes de padrões culturais que geram desigualdades e hierarquia de poderes entre os membros da família (STROPASOLAS, 2014).

Na perspectiva de Renk (1997), os processos geracionais estão ligados à qualidade das relações, dos arranjos sociais, das estruturas familiares, e dos modos de transmissão, estando relacionadas em padrões sociais e culturais. Desta forma é que se constitui o padrão social das famílias de agricultores, por exemplo, o qual não é livre de tensões de conflitos, sejam eles internos ou externos.

No caso dos jovens, esses visam estabilizar seus próprios valores buscando estratégias compatíveis com as modernidades tecnológicas, demográficas e políticas (BENINCÁ; GOMES, 1998), pois os jovens rurais espelhar-se na cultura urbana que se torna para eles referência para a construção de seu projeto de vida e frequentemente desejam a inserção no mundo moderno, mas não deixam de lado a cultura de origem (CARNEIRO, 1998).

Todavia, diferente das gerações passadas, que obtinham suas experiências em um espaço social restrito, agora as novas gerações estão cada vez mais inseridas num campo maior de relações sociais e culturais. Sendo assim, emerge a individualização da perspectiva sucessória das propriedades, pois os interesses dos filhos podem não ser mais os mesmos do restante do grupo familiar (SPANEVERELLO, ET AL, 2011). De acordo com Renk e Dorigon (2014), nas gerações anteriores todos os filhos permaneciam na agricultura, nos últimos anos isso vem se modificando.

Variados indicadores vêm mostrando modificações nos comportamentos e expectativas da população que vive no meio rural, devida uma maior interação com os valores e símbolos urbanos, surgindo conflito de interesses entre os diversos grupos sociais rurais (WANDERLEY, 2000). De acordo com Toledo (2008) e Brumer (2014), os jovens que vivem no meio rural possuem escolaridade mais elevada em relação a suas gerações anteriores, e crescem com uma cultura diferente da dos seus pais incorporando parte do modo de vida urbana.

Para Guerin (2017) no momento em que os jovens têm mais chances de estudar que seus pais, têm mais acesso à informação e à aquisição de conhecimento, é que eles desempenham em suas famílias um papel anteriormente negado. Como resultado, eles

têm maior participação ativa nos negócios, sendo assim um resultado direto também do papel que a educação formal pode proporcionar aos jovens para desempenharem o seu protagonismo social e familiar.

A juventude rural é uma categoria social em constante construção, e que demorou muito para se entender o modo como esses jovens veem o mundo que os rodeia (STROPASOLAS, 2005). Desde a perspectiva da legislação brasileira (Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013) são considerados jovens os sujeitos com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

Neste estudo, focamos nos jovens rurais filhos de agricultores que possuem pequenas propriedades rurais. Para Puntel, Paiva e Ramos (2011) o jovem rural é aquele que ainda é dependente dos pais, que ainda não é proprietário de terra e se insere, normalmente como um agregado/subordinado dos seus pais.

Esses jovens rurais carregam o peso de uma posição hierárquica de submissão e isso acarreta a imigração das jovens para áreas urbanas, que se deve ao fato de enfrentarem problemas de acesso à escola e ao trabalho, e também pela atração do jovem pelo estilo de vida urbano (CASTRO, 2009), não sendo um fato recente (MENEZES, 2009). Para os jovens, morar nas áreas rurais de Santa Catarina significa não ter outra escolha para o trabalho senão a agricultura, morar distante de outras casas, e ter precariedade de mobilidade e internet (CHAUVEAU, 2014).

A imigração para os centros urbanos, seja ela temporária ou definitiva, expõe os jovens ao contato com um sistema amplo de valores que podem ser absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de aumentar os laços identitários com a sua cultura original, quanto no sentido também de negá-los (CARNEIRO, 1998), pois ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social (KUMMER; COLOGNESE, 2013). Desta forma, a agricultura familiar vem apresentando dificuldades em garantir a sua reprodução social e seus conhecimentos geracionais.

4. Resultado e discussão

Apresentamos abaixo o perfil dos sujeitos da pesquisa, através uma tabela de caracterização a partir de sexo, idade, nível de escolaridade e quais atividades agrícolas são exercidas na propriedade para obtenção de renda e sua localidade de moradia.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados.

Perspectivas da juventude rural sobre aprendizagem e o conhecimento geracional na agricultura familiar, planalto norte de Santa Catarina, Brasil

Entrevistado	Sexo	Idade	Nível de escolaridade	Atividade agrícola
E1	Masculino	20 anos	Ensino Médio Completo	Feijão, milho, soja, apicultura e gado (leite e corte)
E2	Masculino	16 anos	Ensino Médio Incompleto	Feijão, milho, soja, gado (leite e corte) e granja
E3	Masculino	28 anos	Ensino Médio Completo	Milho, soja, apicultura e gado (corte)
E4	Feminino	27 anos	Ensino Médio Completo	Feijão, milho, gado (leite e corte)
E5	Masculino	21 anos	Ensino Médio Completo	Feijão, milho, soja gado (leite)
E6	Feminino	21 anos	Ensino Superior Incompleto	Gado (corte), morango e verduras
E7	Masculino	16 anos	Ensino Médio Incompleto	Feijão, milho e soja
E8	Feminino	16 anos	Ensino Médio Incompleto	Gado (corte), morango e verduras

Dados do estudo (2019).

Cabe destacar a semelhança entre as atividades exercidas nas propriedades que os jovens rurais fazem parte, destacando-se a atividade de pecuária (gado), feijão, milho e soja. Conforme Stropasolas (2014) a agricultura e a criação de animais constituem a base econômica e social dos pequenos municípios do estado de Santa Catarina.

A tabela a seguir categoriza os itens evidenciados durante a realização das análises, procurando deter as singularidades dos entrevistados, bem como o que estes sujeitos apresentavam em comum, tentando esclarecer a complexidade de todos os elementos.

Tabela 3 – Categorias, Subcategorias e Elementos de análise das Entrevistas.

Categoria	Subcategoria	Elemento da Análise
------------------	---------------------	----------------------------

Agricultura Familiar	Importância da atividade agrícola	Renda
	Permanecer da propriedade	Qualidade de Vida
		Trabalho
		Gostar da atividade
Conhecimento Geracional	Família	Infância
		Ajuda
		Incentivo
	Convívio com idosos	Experiência
		Geração
	Aprendizagem	Prática
		Social
	Valorização	
	Recusa	
Outros lugares de aprendizagem	Comunidade	Vizinhos
		Pessoas Diversas
	Escola	Formação dos professores

Dados do estudo (2019).

4.1 Agricultura familiar

A categoria Agricultura Familiar revela um conjunto de elementos de análise a qual busca entender a agricultura familiar e seu papel no fenômeno do conhecimento geracional. Nesse sentido, emergiram duas subcategorias nas quais é possível perceber a importância da agricultura familiar na vida dos jovens e o desejo de permanecer ou não na atividade agrícola.

4.1.1 A Importância da Atividade Agrícola

Em relação à importância da atividade agrícola para a família, os entrevistados destacam o fato de ela ser a principal renda, em alguns casos sendo aquilo que mantém anualmente o orçamento familiar: *“Ela é o único sustento para o ano todo”* (E7).

A atividade agropecuária de venda da produção vegetal e animal representa mais de 90% da receita de todos os tipos de estabelecimentos rurais de Santa Catarina (KEGEYAMA; BERGAMASCO; OLIVEIRA, 2013). Cabe destacar que apesar de se falar atualmente de um novo rural, basicamente constituído pela pluriatividade na propriedade na qual não necessariamente se deve trabalhar apenas com agricultura ou apenas morar no meio rural, Santa Catarina apresenta outra característica. Um estudo realizado por Mattei (1998) mostrou que em Santa Catarina os estabelecimentos são fundamentalmente voltados para a produção agrícola e a pecuária e as atividades não-agrícolas no meio rural não fazem parte da experiência cotidiana dos jovens que vivem nos estabelecimentos agropecuários.

4.1.2 Permanecer na Atividade Agrícola

Essa subcategoria mostra o desejo da permanência ou não dos jovens na área rural. Com relação a este ponto apresenta fatores como gostar da atividade agrícola e a busca da qualidade de vida como os motivos para a permanência: *“Eu gosto do interior, pretendo continuar aqui”* (E5) e *“Hoje eu vejo qualidade de vida”* (E6).

Durante as entrevistas, a fala da maioria dos jovens que desejam permanecer residindo nas áreas rurais vai ao encontro com os estudos de Silvestro e seus colaboradores (2001). Os autores argumentam que os jovens não mencionam a possibilidade de que uma unidade familiar no meio rural se torne um local de residência para um eventual emprego urbano.

É importante destacar que embora a atividade agrícola seja uma opção aberta para indivíduos de origem rural ou urbano, o ingresso na ocupação agrícola continua a ser predominante de sujeitos do próprio meio rural, através do processo de endoreprodução. Dessa forma, as novas gerações de agricultores são frequentemente fruto de famílias rurais, como destaca Champagne (1986).

Em muitos casos os jovens não apresentam condições de permanecer na propriedade, e continuar com a atividade da agrícola junto à família. Dessa forma, apenas uns dos filhos assume a sucessão familiar. Os demais tendem a buscar empregos nas áreas urbanas para se sustentar e conseqüentemente residir. Esse argumento pode ser encontrado na afirmação de um dos jovens quando questionado se deseja continuar na atividade agrícola: “ Não [...] Pelo tamanho da propriedade a renda familiar não é suficiente” (E3). Os estudos de Staloch e Rocha (2019) reafirmam que os jovens do campo querem deixar a agricultura familiar devido a desvalorização de suas propriedades, o baixo valor dos seus produtos e a falta de estrutura e infraestrutura.

O jovem deixa o meio rural se deslocando para as áreas urbanas em busca de oportunidades, mas acaba encontrando dificuldades como desemprego, moradia em áreas de risco e assim impactando para superpopulação nas áreas urbanas. Conforme Brumer, et al., (2000) as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agropecuária dependem da viabilidade econômica da propriedade, das oportunidades e das estratégias para a obtenção de rendas, das relações que ocorrem entre pais e filhos e da valorização da profissão de agricultor.

4.2 Conhecimento Geracional

Essa categoria apresenta um conjunto de elementos para a análise sobre o conhecimento geracional na agricultura familiar para os jovens rurais. Sendo assim, destacam-se três subcategorias: família, convívio com idosos e aprendizagem na prática.

4.2.1 Família

Essa subcategoria revela o papel familiar no ensinamento das atividades agrícolas, sendo destacado com quem e como eles aprendem. A realização das atividades junto com seus familiares é uma experiência marcante desde a infância. Ajudar é uma das formas de aprendizagem neste contexto, como diz o jovem (E7): “Eu aprendi com meus familiares observando e questionando. Quem mais me ensinou foi meu pai, tio, avô. Então desde pequeno participo das atividades”. De acordo com Marin (2018), o trabalho realizado pelas crianças do campo integra a ordem moral da família, sendo que os agricultores buscam relacionar o trabalho à dignidade humana e o

desenvolvimento do senso de responsabilidade. Os pais se sentem na missão de educar e transmitir princípios necessários à vida das crianças e essa educação é incorporada de gerações passadas. De acordo com Sauer e Rodriguês (2019), os pais sentem a necessidade de manter os conhecimentos geracionais da família.

Cabe mencionar que uma temática importante, mas não focada neste trabalho, refere-se ao trabalho infantil existente no meio rural. Observa-se que é através das atividades realizadas por eles desde a infância, quando acompanhando seus pais, que a aprendizagem sobre a vida na agricultura e o incentivo de permanecer no campo acontece.

Como demonstra Stein et al (2019) o principal incentivo para os jovens permanecerem no campo é apoio dos pais e o interesse pelas atividades da rotina das propriedades. Sendo assim, vai ao encontro com a fala do entrevistado: *“Eu comecei indo junto nas colheitas e comecei a pegar interesse, e daí fui ajudando cada vez mais um pouquinho e fui pegando o gosto, o jeito”* (E2). Como destacado anteriormente, as crianças estão sempre presentes das atividades da propriedade. Para Sarmento e Gouvea (2009) são as próprias crianças que propõe em participar de alguma atividade e são acolhidas na sua tentativa.

A partir de minha experiência nesse contexto (primeira autora), é possível afirmar que os pais em suas falas relatam o papel da ajuda de crianças e jovens no trabalho familiar. Em muitos casos, “ajudar” não se trata de realmente trabalhar na propriedade. É possível observar na fala a seguir, os jovens internalizam a ideia de ajuda aos seus familiares: *“Desde pequena a mãe sempre incentivou a ajudar”* (E8).

Essa visão de “ajuda” pode invisibilizar o trabalho que os jovens exercem, pois segundo Oliveira, Rabello & Feliciano (2014) o fruto do trabalho que o jovem produz é repartido para a reprodução familiar. Dessa forma, o jovem não possui um salário e, assim, apresenta dificuldade para ter autonomia financeira, sendo dependente dos pais.

Um dos destaques dessa categoria se deve ao fato de que no momento em que os jovens estão ajudando e trabalhando sem receber auxílio financeiro, muitos pais julgam como se estivessem preparando o jovem para o futuro, “dando” a ele

experiência. A lógica é: o jovem que aprender e valorizar os conhecimentos que são repassados, poderão ter o direito à sucessão.

4.2.2 Convívio com idosos

Nesta subcategoria os elementos apresentados mostram a importância dos conhecimentos que circulam entre as pessoas, principalmente no âmbito familiar através do convívio com as pessoas mais velhas. Como destaca o jovem a seguir: *“Eles vão passando o que eles têm de conhecimento, vão passando pra nós e a gente vai aprendendo”* (E1).

Sobre conviver com os idosos, um dos fatores mais relevantes para os entrevistados é a questão da experiência. As pessoas mais idosas, por já terem um acúmulo de experiências na vida do campo, tem o papel de ensinar:

O conhecimento deles são mais baseados em experiências que não deram certo, então eles repassam para outras pessoas pra que que não cometam erros iguais [...] por suas experiências aprendo muito e o que eles passaram de dificuldade no campo no passado serve como motivação para mim (E7).

Sobre esse aspecto é importante ressaltar que os jovens do campo, no caso dessa pesquisa possuindo um nível de escolaridade mais elevado em relação às pessoas mais velhas de seu convívio familiar, conseguem conciliar as aprendizagens geracionais com os novos conhecimentos que lhes são apresentados em espaços formais de educação. Toledo (2008) fala que os jovens rurais crescem com uma cultura diferente da dos seus pais. Observa-se essa afirmação na fala do jovem: *“[...] muitas coisas passam de geração para geração, claro que cada geração vai se adaptando, vai se modernizando. A nossa geração, no caso a minha geração é bem diferente, da vó com o avô, com sistema de criação bem diferente”* (E6).

Os jovens do campo vivem a dicotomia entre espelhar-se na cultura urbana que se torna referência para a construção de seu projeto de vida, mas ao mesmo tempo se prendem a cultura de origem (CARNEIRO, 1998). Como Garcia et al (2007) apontam, os saberes transmitidos das gerações não permanecem intactos e imutáveis ao longo do tempo. Ocorrem alterações de alguns conhecimentos pelas gerações precedentes e isso se deve ao fato dos condicionantes históricos, sociais e culturais vivenciado por essas gerações.

Sobre a questão da aprendizagem dos conhecimentos para os mais novos, os jovens também assumem que possuem o compromisso de repassar os saberes que obtiveram ao longo da vida: “Pretendo repassar se um dia tiver filhos, passar o conhecimento para que eles já saibam desde pequenos” (E1).

4.2.4 Aprendizagem na prática

Essa sub-categoria descreve de que forma ocorrem as aprendizagens nas atividades agrícolas. Quanto a isso, se observa destaques em relação a aprendizagem através de duas formas.

A primeira é a prática propriamente dita na atividade agropecuária. Por exemplo, o uso correto das ferramentas, a organização da propriedade, a época correta para o plantio e colheita e de que forma essa deve ser realizada. Para Bourdieu (1989) a transmissão do saber agrário, do saber prático, transmitido de pai para filho se consolida através da prática. Como é o exemplo da fala do entrevistado: “Aprendi sempre fazendo na prática, tudo na prática” (E3).

A segunda forma é a social, no sentido da própria interação e orientação, por exemplo, através dos conselhos dos mais velhos para a vida. São nestes momentos que são repassados e reproduzidos valores e costumes, através de histórias, estórias e orientações diretas, como relata a entrevista a seguir:

São importantes, porque digamos assim, eu já tive uma experiência dessas, eu passei por uma situação que meu avô tinha falado, então às vezes vai fazer uma coisa e você lembra que seu avô falou isso, ou tua avó falou isso, então ajuda na vida, no teu cotidiano muitas coisas que eles falam. Às vezes a gente não dá valor na hora. O que esse velho está pensando? Mas depois quando a gente passa por uma situação parecida que você vê. Poxa! O vó não estava errado, ele tinha razão (E6).

A transmissão geracional de valores, saberes, normas, hábitos e padrões de convivência se constitui em processo social, histórico e cultural, presente no cotidiano das mais variadas vivências (BENINCÁ; GOMES, 1998). É normal que ocorra algumas tensões entre os membros da família, quando se trata do diálogo de conhecimentos considerando as diferenças geracionais. Os jovens, ao longo de sua trajetória social, passam a construir suas próprias opiniões, e, assim, em algumas situações recusam os ensinamentos repassados pelos seus familiares: “Alguns eu absorvo, outros não” (E2).

4.3 Outros lugares de aprendizagem

Essa categoria mostra que os jovens rurais acessam de outras formas os conhecimentos sejam esses conhecimentos geracionais ou não, que vão além do núcleo familiar e contribuem para ampliar as suas aprendizagens.

4.3.1 Comunidade

4.3.2

A comunidade proporciona diversas aprendizagens para os jovens, sejam eles os vizinhos mais próximos ou as demais pessoas que convivem em seu meio social: “De todos meus familiares, agrônomos que conheço” (E7).

Renk e Dorigon (2014) em seus estudos demonstram que um fator importante para a permanência dos jovens permanecerem na atividade agrícola é a existência da vizinhança e da comunidade. Além de ser um fator que contribui para a não saída dos jovens do campo, é um dos lugares onde a identidade é construída e partilhada. Os diferentes conhecimentos são reproduzidos e consolidados a partir de outras pessoas que os jovens têm contato, não se restringindo apenas ao núcleo familiar.

4.3.2 Escola

Essa subcategoria apresenta os conhecimentos vividos e produzidos no âmbito escolar, destacando-se o papel dos professores na formação dos jovens sobre suas realidades na atividade agrícola. Através da fala dos entrevistados, destaca-se o professor e seu papel no ensino de conteúdos curriculares evidenciando o esforço em articular tais conhecimentos aos saberes da região: “Na escola tinha horta, cada mês uma pessoa cuidava da horta e aprendia algumas coisas” (E4) e “Principalmente aula de biologia. A gente tinha um professor que ensina muito. Ele gostava muito de plantações e sempre trazia bastante conhecimento para a gente” (E8). A partir dessa perspectiva, se proporciona aos jovens uma aprendizagem mais ampla e inclusiva, valorizando-se assim os conhecimentos das gerações anteriores (RODRIGUÊS; SAUER, 2019).

Ao mesmo tempo, de forma contrastante, os jovens percebem que há ausência de formação para os professores em temáticas que poderiam envolver a realidade dos estudantes do meio rural, como relata o jovem a seguir: “O que recebo na escola não acho importante não, os professores são formados só na faculdade e nunca trabalharam na agricultura para poder passar um conselho certo, na maioria das vezes falam besteira (...)” (E7).

Como lembra Caldart (2004), as práticas educacionais devem incluir debates políticos e pedagógicos sobre a questão dos saberes. Ainda, esses são necessários e podem contribuir nas relações entre gerações, na transformação de processos culturais e na construção de novas relações entre rural e urbano.

Alguns dos entrevistados, quando questionados sobre as aprendizagens da escola que poderiam se relacionar com as práticas agrícolas exercidas por eles, apresentavam dificuldade em lembrar: “Na verdade no momento não lembro, mas a educação vem de casa” (E6).

De alguma forma, fica evidente que o exercício de reflexão sobre a realidade dos jovens estudantes muitas vezes pode ser ausente no ambiente escolar. Essa realidade impacta na aprendizagem escolar com implicação direta para suas vidas cotidianas no campo.

5. Considerações finais

O alicerce da agricultura familiar se baseia na aprendizagem dos conhecimentos a partir das pessoas mais velhas. Esses não somente repassam saberes relacionados às atividades agrícolas, mas ensinam também (enquanto cultura) costumes e valores. Os jovens, independente de terem acesso a cultura urbana e outras formas de conhecimento quando frequentam as escolas, tomam o conhecimento aprendido em suas famílias como central. Os outros saberes são agregados aos conhecimentos já vividos na família, sobretudo aqueles relativos à agricultura e a vida no campo.

É rotineiro os jovens apresentarem alguma recusa sobre alguns conhecimentos, mas isso é habitual nos processos geracionais, ainda mais em uma sociedade ocidentalizada sob influência do grande avanço tecnológico. Mesmo vivendo o aumento dos fenômenos ligados à modernização - por exemplo, as diversas formas de conhecimento e tecnologias - os conhecimentos que circulam na família como base para as suas aprendizagens ainda são importantes.

Conviver desde a infância nas atividades da agricultura familiar, nas perspectivas dos jovens, é fundamental para que aprendam sobre a execução da produção rural. Na percepção dos agricultores familiares, para ser agricultor tem que se aprender desde a infância, e esses conhecimentos ensinados devem ser os que são

repassados dentro do núcleo familiar entre as gerações. Sendo assim, assume-se com grande força o compromisso em repassar esses saberes.

Outro fator importante no fenômeno da aprendizagem dos conhecimentos geracionais é que esse acontece através da prática. Os jovens não sentem a necessidade que se tenha uma possível explicação teórica para tudo que se aprende. Por fim, é fundamental que se realizem novas pesquisas com relação ao tema do conhecimento geracional no campo no contexto da juventude rural. Em especial, no território do Planalto Norte Catarinense, considerando sua potencialidade por contemplar um universo rico de fenômenos, dinâmicas e histórias que envolvem o rural e a juventude.

Referências

ALMEIDA, M. E., MAGALHÃES, A. S., & FÉRES-CARNEIRO, T. (2014). **Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação**. *Psico*, 45(4), 454-462. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/15344/12472>

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. M. Bargatin. **Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária**. X Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENINCA, Ciomara. R. S.; GOMES, W. B. **Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 1998, vol.3, n.2, pp.177-205. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200002>.

BONOMO, Mariana.; SOUZA, Lidio. **Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural**. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v.31, p. 402-418. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos. R. **Parentes e parceiros: relações de parentesco e relações familiares de produção entre camponeses de Diolândia**. In: BRANDÃO, Carlos. R.; RAMALHO, José. R. (Orgs.). **Campesinato goiano: três estudos**. Goiânia: Editora UFG, 1986. p. 15-82.

BRUMER, Anita. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. XXII Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Hyatt Regency Miami, março/2000.

BRUMER, Anita. **As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI**. In RENK, Arlene. e DORINGON, Clóvis. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. ed. Expressão Popular, edição. 2004.

CAMPOS, Nazareno J.; BRANDT, Marlon; CANCELIER, Janete. W. (Orgs) **O espaço rural de Santa Catarina**. Apresentação, Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CARNEIRO, Maria. J. **Juventude rural: projetos e valores**. In: ABRAMIA, Helena.; BRANCO, Pedro. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-62. 2005.

CARNEIRO, Maria. J. **O ideal urbano: a relação campo-cidade no imaginário de jovens rurais**. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu, 1998.

CASTRO, Elisa. G. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (Vol. 7 no. 1 ene-jun 2009).

CHAMPAGNE, Patrick. **Elargissement de l'espace social ET crise de l'identité paysanne**. *Cahiers d'Economie ET Sociologie Rurales*, n. 3, 1986.

CHAUVEAU, Helene. **O lugar do acesso (ou não-acesso) ao lazer na relação que os jovens rurais têm com os territórios do interior catarinense**. In RENK, Arlene. e DORINGON, Clóvis. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

GARCIA, Narjara, M. et al. **Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar**. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 25, 2º sem., pp. 93-112, 2017.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: CAB International, 1993. 304 p.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GUERIN, Yhevelin. S. **Múltiplos olhares, múltiplas mediações: as representações sociais da ruralidade entre os jovens rurais da microrregião da Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: FUNISC (Tese de doutorado em desenvolvimento regional), 2017.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. [Rio de Janeiro, 2019]. Disponível em: <https://ibge.gov.br>. Acesso em: nov. 2019

KAGEYAMA, Angela. A., BERGAMASCO, Sonia. M. P. P. e OLIVEIRA, Julieta. T. A. **Uma tipologia dos estabelecimentos agropecuários do Brasil a partir do censo de 2006**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba-SP, v. 51, n. 1, p. 105-122, jan./mar. 2013.

KRUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. **A juventude rural no Brasil: entre ficar e partir**. Revista tempo da Ciência v. 20, n. 39. 2013.

MANNHEIM, Karl. **El problema de las generaciones**. Tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera, Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, pP. 193-242. 1993.

MARIN, Joel. O. B. **A Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças**. Desidades [online]. 2018, n.21, pp. 46-58. ISSN 2318-9282.

MATTEL L. **A pluriatividade no contexto de desenvolvimento rural catarinense**. Cepagro, Ano 2, no. 4, Florianópolis, abril/1998.

MENEZES, Isabela. G. **Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais**. Revista Eletrônica de Educação, v. 3, n. 1 mai, 2009.

OLIVEIRA, Luciano. B.; RABELLO, Diogines.; FELICIANO, Carlos. A. **Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa**. Revista Pegada, v. 15, n. 1, p. 136- 150, 2014.

PAULILO, Maria. I. **Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise**. Revista Estudos Feministas/ Universidade Federal de Santa Catarina, v.12, n.1, p. 229-252. 2004

PAULILO, Maria. I. e SCHMIDT, Wilson. **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

PINTO, Amancio. C. **Psicologia Geral**. Lisboa: Universidade Aberta. Nº 227. (340 páginas). ISBN: 972-674-339-7. DL: 164485/01. 2001.

POLI, Odilon. L. **Aprendendo a andar com as próprias pernas: o processo de mobilização nos movimentos sociais do Oeste Catarinense**. Dissertação (Mestrado). Campinas; Departamento de Educação, 1995.

PUNTEL, Jovani. A.; PAIVA, Carlos. Á. N.; RAMOS, Marília P. **Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo**. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. IPEA, 2011.

RENK, Arlene. **A reprodução social camponesa e suas representações: O caso de PalmitosSC**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro,1997.

RENK, A. e DORIGON, C. **Trabalho, Juventude Rural e Mudança Social**. In RENK, A. e DORIGON, C. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

RENK, Arlene. e DORIGON, Clóvis. **Trabalho, Juventude Rural e Mudança Social**. In RENK, Arlene. e DORIGON, Clóvis. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

RODRIGUÊS, Denize. M.; SAUER, Aline. D. **Resgatando as Raízes: Medidas Agrárias**. In: MAGNUS, Maria. C. M.; BRICK, Elizandro. M.; FONSECA, Inara. (Orgs.). *Saberes em Movimento*. Florianópolis, UFSC, 2019.

ROSAS, Eduardo. N. L. **Do campo para a cidade: saindo para ficar**. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude Rural em Perspectiva*. São Paulo. Ed. Mauad, 2007.

SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria C. S. **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

SAUER, Aline. D.; RODRIGUÊS, Denize. M. **Madeira Boa? Só na Minguante de Maio**. In: MAGNUS, Maria. C. M.; BRICK, Elizandro. M.; FONSECA, Inara. (Orgs.). *Saberes em Movimento*. Florianópolis, UFSC, 2019.

SCHNEIDER, Sergio.; CASSOL, Abel. **Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para as políticas públicas**. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 227-263, maio/ago. 2014.

SILVA, Mariana. L. B.; BOUSFIELD, Andrea. B. S. **Representações sociais da hipertensão arterial**. *Temas psicol.* vol.24 no.3 Ribeirão Preto set. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.3-07>, 2016.

SILVESTRO, Milton. L.; ET AL. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Brasília: Epagri/NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001, 122 P.

SPANVELLO, Rosani. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Porto Alegre, 2008 (Tese de doutorado em desenvolvimento rural-UFRGS).

SPANVELLO, Rosani. M. ET AL. **A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar**. *Revista Ciências Humanas Ufsc*. Capa, v. 45, n. 2 2011.

STALOCH, Rubens.; ROCHA, Isa. O. **Produção e disseminação de conhecimento: as temáticas abordadas em 19 anos da revista brasileira de estudos urbanos e regionais (rbeur)**. *Ciência da Informação em Revista*, v. 6, n. 2, p. 34-50, 2019. DOI: 10.28998/cirev.2019v6n2c.

STEIN, Jaíne; ET AL. **Permanência e Saída do Campo de Jovens Adultos no Oeste Catarinense**. Revista Sociais & Humanas CESH/ UFSC. 32, n., 1 2019.

STROPASOLAS, Valmir L. **Juventude Rural: uma categoria social em construção**. GT 22: Sociologia da Infância e Juventude. *XII Congresso Brasileiro de Sociologia; Anais*. Belo Horizonte, junho, 2005.

STROPASOLAS, Valmir L. **Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar**. In RENK, Arlene. e DORINGON, Clóvis. (Orgs.). *Juventude Rural, cultura e mudança social*. Chapecó; Argos, 2014.

TOLEDO, Eliziario. N. B. **A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção**. 29 de julho de 2008. A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de produção. *Revista da Juventude Rural*, ano III, nº 3, set., 6-8.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo.**, São Paulo: Atlas 1987.

VEIGA, José. E. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, SP, Editora Autores Associados, 2002.

VINUTO, Juliana. A. **Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate em aberto**. *Temáticas*. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Wanderley, Maria. N. B. **“Franja periférica”, “pobres do campo”, “camponeses”: dilemas da inclusão social dos pequenos agricultores familiares**. pp.64-83. In: Delgado, G. C., & Bergamasco, S.M.P.P. (Eds.). *Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro*. Brasília: MDA. 2017.

WANDERLEY, Maria. de N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 87-145, 2000.

Sobre os autores

Aline Daniela Sauer

Graduada em Psicologia pela Universidade do Contestado (2014) e em Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Atualmente é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia e realiza especialização em Permacultura, ambas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como professora das disciplinas de Física/Matemática na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: alidsauer@hotmail.com. Orcid. <https://orcid.org/0000-0003-4494-6626>

Marcelo Gules Borges

Professor Adjunto do Centro de Ciências da Educação, Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas (2007) e Mestre em Ecologia (CNPq/2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Educação pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CNPq/2014). Pós-Doutor em Fundamentos da Educação pelo College of Education, University of Saskatchewan, Canada (2018-2019). E-mail: marcelo.borges@ufsc.br. Orcid. <https://orcid.org/0000-0003-1231-2776>

Recebido em: 23/06/2020

Aceito para publicação em: 08/07/2020